

GUIAS "PANORAMA" • 3

PORTO





A CIDADE DO PORTO

A CIDADE do Porto encontra-se situada na margem direita do rio Douro, a cinco quilómetros da sua foz. Ocupa uma área de 40 quilómetros quadrados, com a figura aproximada de um trapézio, cujas dimensões máximas são 13 por 9 quilómetros. Assenta sobre terreno acidentado, granítico. A proximidade do rio influencia notavelmente o clima, que é húmido, caracterizado por frequentes nevoeiros e chuvas. Temperatura média: 14° C.

A população do Porto é de cerca de 280.000 habitantes. É cidade capital de Província e de Distrito, sede de Bispado e da 1.ª Região Militar, possui um dos três Tribunais de Relação do país, e está dividida em dois bairros fiscais e quinze freguesias.

O Porto é uma cidade essencialmente comercial e industrial. Centro natural de confluência da produção de toda a zona portuguesa ao norte do Mondego, assume importantíssima posição na economia nacional.

PEQUENA HISTÓRIA DO PORTO

O BURGO portuense teve a sua origem no *castro* situado junto do morro onde hoje se ergue a Sé. No tempo da ocupação romana, a povoação passou a ser um *oppidum*, mais tarde (séc. v) ampliado pelos Suevos (séc. v). No séc. x foi destruída pelos mouros de Almançor.

No decorrer do século seguinte, *Portucale* tornou-se a cabeça



Vista aérea do Porto

Na capa: Torre dos Clérigos

da Terra Portucalense, que viria a ser governada por Henrique de Borgonha e donde surgiu, no séc. XII, a Nação Portuguesa.

Durante os primeiros tempos da Monarquia, a cidade do Porto sempre se colocou ao lado dos Reis portugueses, nos frequentes dissídios que tiveram com o clero de então. O mesmo aconteceu quando da revolta do infante D. Pedro contra seu pai, motivada pelo assassinio de Inês de Castro.

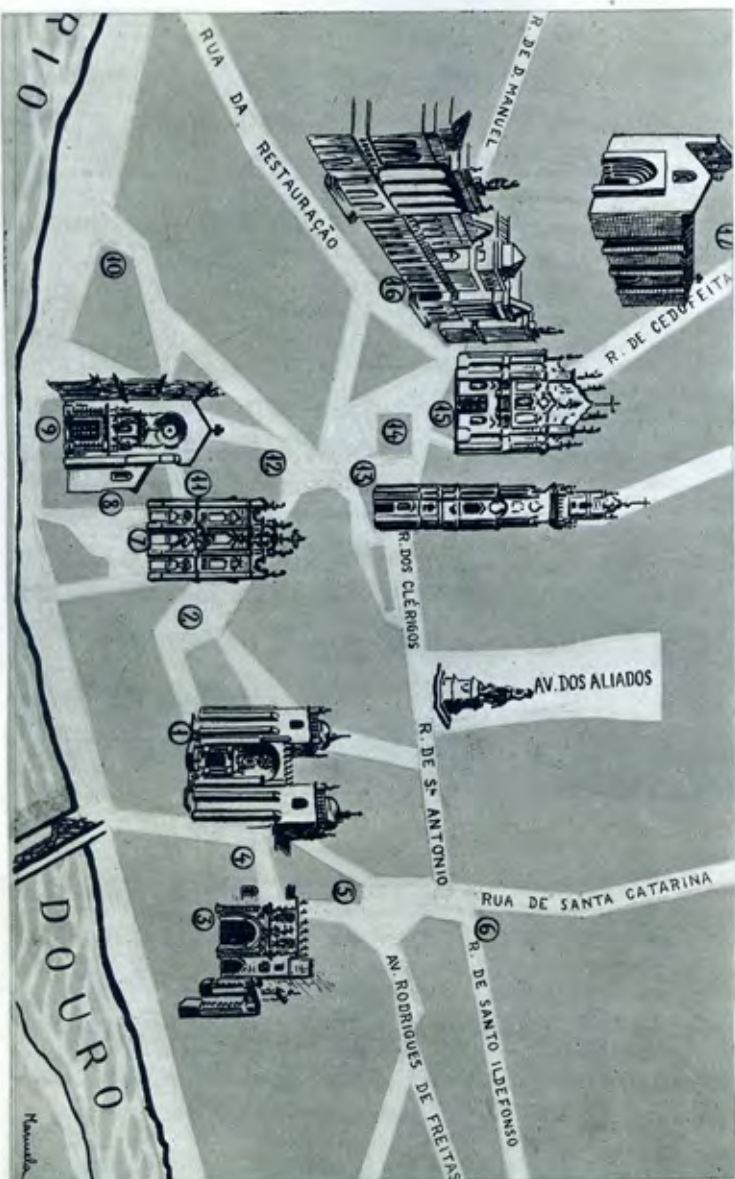
Quando D. João I inicia a luta pela independência de Portugal no séc. XIV, é o Porto que primeiro ergue o seu estandarte, ganhando, assim, o epíteto de *Leal Cidade*. No Porto casou aquele Rei e nele nasceu o infante D. Henrique. Nos estaleiros do Douro se construíram os navios que participaram na expedição a Ceuta (1415) e, por os moradores do Porto se terem resignado a comer os miúdos das reses abatidas, cuja carne foi integralmente destinada para a manutenção das tropas embarcadas, ganharam, nessa altura, a alcunha de *tripeiros*, que orgulhosamente aceitam e usam.

Foi notável, tanto em homens como em recursos materiais, o contributo da cidade para a obra dos Descobrimentos.

Durante a dominação filipina, o Porto sublevou-se, em 1637.

Igual facto se registou quando das invasões francesas, em 1808. Em 1809, como os portuenses recusassem render-se às tropas de Soult, estas saquearam a cidade durante três dias, e cometeram inumeráveis crimes de estupro e assassinio. Nessa altura deu-se o *desastre da ponte das barcas*, em que milhares de habitantes pereceram afogados no Douro.

Em 1830, rebentou, no Porto, a revolução liberal e dela re-



- 1—Sé.
- 2—Igreja dos Grilos.
- 3—Igreja de Santa Clara.
- 4—Murallas de D. Fernando.
- 5—Teatro de S. João.
- 6—Igreja de Santo Ildefonso.
- 7—Igreja da Misericórdia.
- 8—Palácio da Bolsa.
- 9—Igreja de São Francisco.
- 10—Igreja de São João Novo.
- 11—Igreja de S. Bento da Vitória.
- 12—Palácio da Relação.
- 13—Igreja dos Clérigos.
- 14—Universidade.
- 15—Igrejas do Carmo.
- 16—Hospital de Santo António.
- 17—Igreja de S. Martinho da Cedofeita.

sultou a Junta que convocou as Cortes de que saiu a Constituição jurada por D. João VI, em 1821. Em 1832, entrou no Porto o exército de D. Pedro IV que pouco antes havia desembarcado na praia de Pampelido, para disputar o trono a seu irmão, o rei D. Miguel I. O cerco do Porto, que se seguiu, é uma das páginas épicas da história portuguesa.

Na revolução da Maria da Fonte (1846) tomou o Porto parte activa. Nesta cidade rebentou a primeira revolta republicana, em 31 de Janeiro de 1891, no ano seguinte ao ultimato da Inglaterra.

MONUMENTOS DO PORTO

Os principais monumentos do Porto datam das épocas medieval e barroca. Na época medieval teremos ainda de distinguir dois períodos. No primeiro situam-se a Sé Catedral, a Igreja de Águas Santas e a Igreja de Cedofeita, a primeira edificada no próprio centro da cidade, as duas últimas já extramuros. No segundo, temos o lanço que resta das Muralhas Fernandinas, o Claustro da Sé, a Igreja de S. Francisco (já construída no âmbito da nova cidade, que transbordara do traçado das primitivas muralhas), o Mosteiro de Leça do Bailio, e a Igreja do Convento de Santa Clara. Ocupemo-nos de cada um destes monumentos separadamente.

SÊ CATEDRAL — (Terreiro de D. Afonso Henriques. — Trp.: c. e. 14). Edificada no local do castelo suevo, segundo a tradição, é obra do segundo quartel do séc. XII, começada a construir por D. Tareja e continuada por D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques. À data da sua fundação existia no local uma simples ermida.

O que resta da primitiva fábrica da Sé — muito alterada e acrescentada no decorrer do séculos — é obra românica. Notem-se as duas torres — românicas apenas até à segunda cinta de esfe-

Igreja de S. Martinho de Cedofeita





A Sé Catedral do Porto, vista do Terreiro de D. Afonso Henriques

ras — e a rosácea, na fachada principal; as três naves com as suas abóbadas, e a sacristia (arquitectura do séc. XIII). No transepto e, sobretudo, na torre lanterna, há vários enxertos do séc. XVI, tais como ameias manuelinas, uma cruz flor-de-lisada e abóbadas construídas em 1567.

O claustro é obra do fim do séc. XIV, já do período gótico, embora de execução bastante rude e grande simplicidade.

Posteriormente, a Sé foi objecto de grandes reformas. Note-se a capela-mor, obra do bispo D. Gonçalo Morais, construída entre 1606 e 1610, cujo altar é de grande beleza e ostenta um sacrário de prata relevada, do séc. XVI e armado em 1866; os cadeirais

Aspecto do claustro da Sé do Porto



são do séc. XVIII. O portal é uma composição barroca, datada de 1712. A esta data (aproximadamente) deve pertencer a parte superior das torres. Na fachada norte, toma especial relevo a elegantíssima *loggia*, obra de Nicolau Nasoni, datada de 1736. É ainda digna de nota a capela de SS. Sacramento, com bela grade de ferro forjado e doirado (1886), e o célebre altar de prata (sécs. XVII e XVIII). O interior da sacristia é dos sécs. XVII, XVIII e XIX, e apresenta bons móveis, pinturas, talhas e mármore. Os azulejos que decoram as paredes do claustro foram executados — segundo Joaquim de Vasconcelos — entre 1720 e 1740. No claustro há ainda que notar a capela de S. Vicente, erigida entre 1582 e 1591, destinada a panteão episcopal, e onde se venera a imagem de Nossa Senhora de Vandoma, do séc. XIV, de calcário policromado, rica de tradições; e a capela de S. Martinho, onde se encontra um túmulo gótico de calcário, com insculpturas, dos fins do séc. XIII ou início do séc. XIV.



Planta da Sé do Porto

IGREJA DE CEDOFEITA — (Largo do Priorado. — Trp.: c. e. 2/, 5 e 6). Igreja românica, recentemente restaurada. Na fachada principal, um portal de três arquivoltas em cujo tímpano uma inscrição de 1767 alude à lendária fundação da igreja no séc. VI. Note-se a porta lateral norte, com tímpano esculpturado, representando o *Agnus Dei*. Alguns modilhões e capitéis dignos de nota.

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS — (Ermesinde. — Trp.: c. e. 9 e 9//). Igreja românica, cuja construção principiou em 1168.



Igreja do Mosteiro de Leça do Balhão



Portal da Igreja de Santa Clara

Pertenceu ao Mosteiro de Águas Santas, dos Cavaleiros do Santo Sepulcro. Possui a particularidade de ter duas naves, uma central e outra lateral. Bonito portal de quatro arquivoltas. Alguns capitéis possuem decoração moçárabe e, ao longo das paredes mestras da nave central, encontram-se arcaturas semelhantes às do Mosteiro de Paço de Sousa.

MURALHAS FERNANDINAS — (Largo do Actor Rosa. — Trp.: c. e. 14) O desenvolvimento do primitivo burgo, aglomerado à volta da Sé, fez com que D. Afonso IV ordenasse, em 1336, a construção de novo cinto de muralhas, acabadas somente em 1374, já no reinado de D. Fernando, por cujo nome ficaram, imprópriamente, conhecidas. O lanço dos Guindais, restaurado há pouco mais de dez anos, é o mais importante vestígio que nos resta dessa cerca, e apresenta três torres, que constituem belos miradouros.

MOSTEIRO DE LEÇA DO BAILIO — (Leça do Bailio. — Trp.: c. e. 7 — a 600 metros do término da linha). Construção da primeira metade do séc. XIV, pertenceu à Ordem do Hospital de S. João de Jerusalém, que lhe imprimiu o carácter de casa religiosa e fortaleza. Do mosteiro resta a igreja, do primeiro gótico português, ainda com muitos elementos românicos, tais como gigantes, ameias, tectos de madeira, cachorros e alguns capitéis.

A igreja é de três naves, com a capela-mor de abóbada nervada. Dignos de nota a rosácea da fachada principal, a torre com mata cões e seteiras e, no interior da igreja, a pia baptismal, obra manuelina do canteiro Diogo Pires, o Moço (1514), os túmulos de Frei Garcia Martins, gótico, o de Frei Cristóvão Cernache, bailio de Leça, renascentista, com estátua orante, e nos absidiolos, de abóbadas nervadas, os do prior D. Frei João Coelho, com estátua jacente, obra do canteiro citado, e do bailio D. Frei Estêvão Pimentel, com lápide de bronze gravada.

A cerca de 100 metros da igreja, encontra-se um belo cruzeiro manuelino, obra do canteiro Diogo Pires, erigido em 1514.

IGREJA DE S. FRANCISCO — (Praça do Infante D. Henrique. — Trp.: c. e. 1 e 1-E). A Igreja de S. Francisco foi começada a construir por volta de 1383 e acabada cerca de 1410. É a única igreja gótica do Porto, embora com reminiscências românicas, que se revelam na bela rosácea da porta principal, nitidamente inspirada na da igreja do Mosteiro de Leça, e no portal lateral sul, em que se encontram elementos românicos nas arquivoltas, ornadas de esferas e arcos em ferradura, e nos capitéis dos colunelos, com motivos vegetalistas semelhantes aos de Cedofeita.

Toda a igreja é abobadada, tanto nas naves como no transepto e na ábside. Interiormente, porém, abóbadas, pilares e colunas foram recobertos de magnífica talha dourada, desde a primeira



*Aspecto da ábside
da Igreja de
S. Francisco*



Restos das muralhas fernandinas (Guindais)

metade do séc. XVII ao segundo quartel do séc. XVIII, o que lhe dá uma magnificência e esplendor sem par.

No transepto encontra-se um belo portal manuelino, que abre sobre a capela de S. João Baptista, de rica abóbada gótica, rodapé de azulejos do séc. XVIII, e uma tábua gótica representando o baptismo de Cristo. Na capela dos Reis Magos, um belo portal da Renascença, um túmulo da mesma época e outro gótico. Na nave lateral do lado da epístola, uma pintura mural ao gosto italiano, do séc. XV, geralmente atribuída a António Florentim, pintor de D. João I, cujo retrato e o de sua mulher, D. Filipa de Lancastre, figuram entre as personagens do painel, segundo a tradição.

IGREJA DE SANTA CLARA — (Av. Saraiva de Carvalho. — Trp.: c. e. 14). Data de 1416 a fundação, a que assistiu D. João I, do Convento de Santa Clara. A igreja sofreu, posteriormente, grandes reformas, no séc. XVII, em virtude das quais o seu interior se encontra hoje completamente revestido de talha doirada. Digna de nota a pia baptismal, gótica com ornatos. Exteriormente, apresenta um portal com mistura de elementos góticos e renascença, bem equilibrados, obra do primeiro quartel do séc. XVI.

Entre as duas grandes épocas monumentais do Porto — a medieval e a barroca — situam-se alguns edifícios dos sécs. XVI e XVII, que representam, de certo modo, a transição entre um e outro períodos. Se pusermos de lado o Mosteiro da Serra do Pilar, directamente inspirado em modelos italianos, encontramos um grupo de igrejas — dos Grilos, S. João Novo e S. Bento da Vitória — notavelmente aparentadas entre si, e que constituem um núcleo valiosíssimo para o estudo da arquitectura da época, pois serviram de modelo para outras construções do mesmo tipo. Vejamos as suas principais características.

MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR — (Vila Nova de Gaia, junto à Ponte de D. Luís — Trp.: c. e. 14). Pertenceu aos cônegos regrantes de Santo Agostinho. A construção principiou em



Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora do Pilar

1598, mas só em 1672 acabaram as obras. A igreja é de planta circular, coberta de cúpula apainelada, com lanternim. A capela-mor é coberta por uma abóbada de berço, também apainelada. O claustro, igualmente de planta circular, único no país, é uma das mais belas e harmoniosas edificações desta época, com as suas 36 colunas jónicas. Igreja e claustro têm sido atribuídos a Filipe Terzi.

IGREJA DE S. LOURENÇO ou DOS GRILOS — (R. de Santana, junto ao Terreiro de D. Afonso Henriques. — Trp.: c. e. 14). A sua construção foi iniciada em 1570, pelos padres jesuítas, a cujo colégio pertencia esta igreja, notável pela sua frontaria, francamente aparentada com a da Sé Nova de Coimbra. Interiormente, possui uma só nave, de abóbada de granito, cilíndrica e apainelada. A abóbada do cruzeiro é do mesmo tipo das igrejas de S. Bento da Vitória e de S. João Novo.

IGREJA DE S. JOÃO NOVO (Largo de S. João Novo. — Trp.: c. e. 1 e 3). Igreja do Convento dos *Gracianos* (eremitas calçados de Santo Agostinho), começada a edificar pouco depois de 1592. Obra estreitamente aparentada à anterior, embora sem o equilíbrio e sumptuosidade dos Grilos. Mesma concepção architectónica e mesmos tipos de abóbadas. Bons azulejos do séc. XVII. O claustro do antigo convento (hoje Tribunal), é simples e de proporções harmoniosas e agradáveis.

S. BENTO DA VITÓRIA — (Rua de S. Bento, junto ao Jardim da Cordoaria. — Trp.: c. e. 4, 6/, 18, 19 e 20/).

Esta igreja, sem dúvida a mais imponente e grandiosa deste período, foi principiada a construir em 1598. É obra do architecto Diogo Marques Lucas. A fachada é larga e imponente, sem torres, com três nichos, onde se albergam outras tantas estátuas. O interior é precedido por um nártex de abóbada de granito, com três grandes portais gradeados. A nave única, de abóbada de granito apainelado, tem seis capelas por cada lado. O cruzeiro possui abóbada do tipo das igrejas precedentes. São notáveis os



Coro da Igreja de S. Bento da Vitória

retábulos de talha doirada que ornamentam todos os altares. A igreja é ampla e belamente proporcionada. No coro é digna de nota a decoração sobreposta aos cadeirais, composta de 30 quadros de madeira esculpida e policromada, com magníficas molduras de talha doirada, figurando passos da vida de S. Bento. É uma das mais notáveis obras do género, no País.

Embora a decoração interior destas igrejas adivinhe já a opulência e a cenografia características das construções que se lhes seguiram, a época barroca — a mais notável e esplendorosa da história da Arte portuense — principia no século seguinte, com as edificações riscadas e dirigidas por Nicolau Nasoni. Com a chegada deste architecto italiano a Portugal, cria-se no Norte do País um barroco característico, de que a cidade do Porto apresenta alguns dos mais significativos exemplos. O aproveitamento do granito, material duro e pesado, o uso constante, por vezes quase cenográfico, dos contrastes de luz e sombra, a extrema movimentação das fachadas, dominando inteiramente a rudeza da pedra, resultam em composições de extraordinária força e exuberante profusão de ornatos. A obra de Nasoni e dos seus continuadores tem, pois, no Porto, o seu conjunto mais representativo e belo, nas igrejas e palácios que vamos referir.

IGREJA DOS CLÉRIGOS — (Rua dos Clérigos, junto da Praça da Liberdade). O lançamento da primeira pedra desta igreja realizou-se em 28 de Julho de 1732. A torre foi começada a construir em 1748 e acabou-se em 1750. O seu autor foi o italiano Nicolau Nasoni. A igreja, de planta elíptica, tem a sua melhor parte architectónica na fachada, monumental e de belíssima composição, muito movimentada e oferecendo aspecto imponente olhada do princípio da rua dos Clérigos. A torre, edificada na parte posterior do edificio, é uma obra admirável, legítimo orgulho dos portuenses, muito elegante na sua traça de belas

proporções. Os quatro andares do corpo principal são decorados com extrema sobriedade; nos dois últimos, porém, a exuberância do barroco de Nasoni revela-se amplamente, formando um corpo terminal cheio de graciosidade e leveza. Do alto da torre, que tem 75 metros, goza-se um dos mais belos panoramas da cidade do Porto.

IGREJA DA MISERICÓRDIA — (Rua das Flores. — Trp.: c. e. I e 3). A construção desta igreja foi levada a cabo de 1749 a 1755. Planta e fachada são da autoria de Nasoni, com intervenções do arquitecto português Manuel Álvares. Toda a frontaria é intensamente movimentada, repleta de ornatos esculpidos em granito que a tornam um dos mais eloquentes exemplares do barroco desta época e da região. Interiormente, uma só nave, com abóbada de tijolo, estucada. A capela-mor com abóbada apainelada, de belo efeito decorativo. Algumas capelas com bons



portais de granito e painéis de pintores dos fins do séc. XIX.

No edifício da Misericórdia, contíguo à igreja, guardam-se algumas boas obras de Arte, em que avulta a bela e célebre tábua quinhentista *Fons Vitae*, oferecida à Misericórdia pelo rei D. Manuel I, de autor ainda não identificado. Alguns painéis dos fins do séc. XVI, de Diogo Teixeira, o cálice gótico do Convento de Arouca, além de outras obras, também aí se encontram.

PALÁCIO DO FREIXO — (Lugar do Freixo, já fora da cidade, à beira-rio). É um dos mais grandiosos edifícios do Porto. Geralmente atribuído a Nasoni, deve ter sido edificado cerca de 1740, por ordem do deão Jerónimo de Távora Noronha Cernache. De planta quadrangular, com torreões nos ângulos, escadarias e jardins circundantes, o palácio do Freixo, quer pela sua concepção architectónica, quer pela decoração, afasta-se bastante do espírito barroco local, e constitui um estranho e invulgar monumento, quase sem ligação com a architectura e decoração portuenses.



Aspectos do interior da Igreja de S. Francisco

IGREJA DOS TERCEIROS DO CARMO — (R. do Carmo. — Trp.: c. e. 4, 6/, 18, 18//, 19 e 20/). Igreja começada a construir, sobre risco do architecto e pintor José Figueiredo Seixas, em 1756 e acabada em 1768. A fachada principal é um dos melhores espécimes do barroco portuense, directamente filiada na obra de Nasoni, cujo espírito mantém, com notável harmonia e grandiosidade de conjunto.

Na fachada lateral, larga decoração de azulejos, de 1912. Interiormente, boa talha doirada e notável retábulo, de 1776, na capela-mor. Os paramentos e alfaiaes são dignos de atenção.

Contígua a esta igreja, fica a dos *Carmelitas*, construída entre 1619 e 1628: architectonicamente muito pobre, possui, todavia, sumptuosa ornamentação de talha doirada, nas capelas e abóbada.



Fachada da Igreja da Misericórdia

Fachada da Igreja dos Terceiros do Carmo





Palácio dos Carrancas (Museu Nacional de Soares dos Reis)

PALÁCIO DA RELAÇÃO — (Campo dos Mártires da Pátria, vulgo da Cordoaria. — Trp.: c. e. 4, 6/, 18, 18//, 19 e 20/). Grande edifício destinado a cadeia e sede do Tribunal da Relação, que substitui o anterior, mandado construir por Filipe I. Edificado entre 1765 e 1796, é de planta triangular, sóbrio de decoração, de fachadas severas e aspecto pesado. No ângulo das fachadas da Cordoaria e da rua de S. Bento da Vitória, um fontanário de aspecto gracioso. Neste palácio esteve preso Camilo Castelo Branco.

PAÇO EPISCOPAL — (Terreiro de D. Afonso Henriques. — Trp.: c. e. 14). Vasto e grandioso edifício da segunda metade do séc. XVIII, mandado construir pelo bispo D. João Rafael de Mendonça. Embora as suas proporções não sejam muito elegantes, são de notar os portais e janelas, de perfeito lavor de canteiro, e a escadaria nobre, das mais bem lançadas, elegantes e sumptuosas do país. Interiormente, boas decorações. Neste palácio funciona hoje a Câmara Municipal do Porto.

Os edificios que a seguir vão referidos, não conservam, já, aquele carácter de sumptuosidade e exuberância decorativa do período barroco, cujos mestres souberam dar ao granito uma extraordinária vida, tornando-o movimentado e flexuoso.

Os edificios do final do séc. XVIII e princípios do séc. XIX, começam a revelar uma rigidez de linhas, uma sobriedade decorativa, uma falta de imaginação plástica, que os torna, por vezes, quase pobres, sempre severos e muitas vezes tristes e frios.

IGREJA DA LAPA — (Largo da Lapa. — Trp.: c. e. 7, 7/, 7//, 8, 16, 17 e 17/). Grande igreja riscada pelo architecto José Figueiredo Seixas e começada a construir em 1756. As obras, porém, protelaram-se até 1863, o que explica a falta de unidade, tanto construtiva como decorativa, do templo. As torres foram projectadas por José Luís Nogueira Júnior, em virtude de se ter perdido o primitivo projecto.

No cemitério anexo à igreja e ao Hospital da Irmandade da Lapa, repousam algumas grandes figuras literárias, artísticas e políticas do Porto, entre elas Camilo Castelo Branco.

HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO — (Largo da Escola Médica. — Trp.: c. e. 4, 6/, 18, 18//, 19 e 20/). O projecto é da autoria do inglês João Carr; a construção principou em 1770, mas ficou incompleta. A fachada principal é imponente, nos seus cinco corpos de planos diferentes, que lhe quebram um tanto a rigidez e severidade. No corpo central, o pórtico de arcos perfeitos sob a varanda-balaustrada, de acentuado carácter classicista.

PALÁCIO DOS CARRANCAS — (Rua D. Manuel II. — Trp.: c. e. 18// e 20/. Grande edifício de linhas equilibradas e severas, ao gosto clássico, foi construído, por volta de 1795, pelos comerciantes Morais de Castro, «Os Carrancas». Comprado por D. Pedro V em 1862, foi legado por D. Manuel II à Misericórdia do Porto, que o vendeu ao Estado. Nele se encontra hoje instalado o Museu Nacional de Soares dos Reis (v. *Museus*).

IGREJA DOS TERCEIROS DE S. FRANCISCO — (Rua de S. Francisco. — Trp.: c. e. 1 e 3). Igreja principiada a edificar em 1795, sobre risco de A. Pinto Miranda. A fachada principal forma ângulo recto com a da Igreja de S. Francisco. A fachada, de linhas nobres e severas, do tipo clássico, revela influências italianas, decerto atribuíveis a Luís Chiara, que dirigiu as obras. No interior, estuques e talhas, já com sabor do estilo Império. Três painéis de Vieira Portuense.

UNIVERSIDADE — (Praça Gomes Teixeira. — Trp.: c. e. 4, 6, 18//, 19 e 20/). Obra de José da Costa Silva, principiada a construir em 1803. Destinado primitivamente à Academia Real de Marinha e Comércio, estão hoje instalados neste edifício a sede da Universidade do Porto, a Faculdade de Ciências e o Museu de História Natural. Construção de grande simplicidade, ao gosto clássico, com evidentes influências do vizinho Hospital de Santo António.

PALÁCIO DA BOLSA — (Praça do Infante D. Henrique. — Trp.: c. e. 1 e 3). Desgracioso casarão ao gosto clássico, cujas obras, começadas em 1841, sobre projecto de Joaquim Costa Lima Júnior, acabaram em 1891. Escadaria nobre com boa obra de cantaria. Telas de António Ramalho, Francisco Resende, Mar-

Aspecto do Porto de Leixões



ques de Oliveira e Veloso Salgado. Esculturas e estuques de Soares dos Reis. O salão nobre é um *pastiche* do palácio de Alhambra.

Da época actual, referiremos apenas três das mais grandiosas edificações da cidade do Porto, que revelam bem as tendências da moderna architectura do Norte do País.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — (Praça do Marquês de Pombal. — Trp.: c. e. 9, 9/, 9//, 15/, 20, 20/ e 21). Edifício grandioso, concluído há poucos anos. Projecto do architecto beneditino D. Bellot, muito modificado. Embora de projecções desarmónicas e pobre de decoração, é um templo vasto e audaciosamente concebido. Frescos de J. Camarinha e Augusto Gomes. Notáveis os dos baptistério, de Dordio Gomes.

ESTÁDIO DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO — (Antas. — Trp.: c. e. 15 — desvio especial). Um dos mais grandiosos recintos desportivos do país, inaugurado em 28 de Maio de 1952. Da autoria do architecto Oldemiro Carneiro, comporta cerca de quarenta mil espectadores sentados. Parte da bancada e os camarotes são cobertos.

PALÁCIO DOS DESPORTOS — (Rua de D. Manuel, II. — Trp.: c. e. 18// e 20/). Edifício que substituiu o velho Palácio de Cristal, réplica da construção londrina do mesmo nome, feita sobre planta e alçados do architecto inglês Tomaz Dillen Jones, de 1861 a 1865. O actual edifício (ainda em construção) é da autoria do architecto José Loureiro, e destina-se à prática de desportos, concertos, espectáculos, etc.

Obra de concepção moderna e arrojada, de sóbrias e harmoniosas linhas.

Cerca-o um dos mais belos parques ajardinados do Porto, com óptimos exemplares arbóreos e lindíssima vista sobre o Douro.

Trecho da praia da Foz do Douro





MUSEUS, BIBLIOTECAS E ARQUIVOS

Museu Nacional de Soares dos Reis — (Rua D. Manuel II. — Trp.: c. e. 18// e 20/). Instalado no Palácio dos Carrancas, possui a quase totalidade das obras de Soares dos Reis, Pousão e Silva Porto. Bom núcleo de primitivos. Excelentes colecções de ourivesaria e faianças. Aberto todos os dias, excepto às segundas-feiras, das 11 às 16.

Casa-Museu de Guerra Junqueiro — (Rua de D. Hugo, por trás da Sé Catedral. — Trp.: c. e. 14. Instalado num prédio setecentista, possivelmente projectado por Nasoni, possui as colecções reunidas pelo poeta Guerra Junqueiro, em que se distinguem bons móveis, faianças hispano-árabes, esculturas medievais e barrocas, etc.

Aberto das 11 às 16, excepto às segundas-feiras.

Museu de Etnografia e História da Província do Douro Litoral — (Largo de S. João Novo. — Trp.: c. e. 1 e 3). Boas colecções de objectos respeitantes ao folclore da província do Douro Litoral. Notável a colecção de jugos e cangas durienses.

Aberto das 11 às 16, excepto às segundas-feiras.

Capela do Senhor da Pedra, em Miramar





O Estádio das Antas, no dia da inauguração

Estação Zoológica Marítima Augusto Nobre — (Avenida Montevideo, na Foz. — Trp.: c. e. 1, 2, 2/, 17, 18 e 18//; a. c. A). Grande colecção de animais marinhos, muitos vivos, em aquários, com água do mar constantemente renovada.

Biblioteca Pública Municipal — (Rua de D. João IV — Trp.: c. e. 11, 12, 20 e 21). Importantíssima biblioteca, com mais de 400.000 volumes, valiosos incunábulos e códices manuscritos, alguns com preciosas iluminuras.

Aberta das 10 às 22 horas, excepto aos domingos e feriados.

Arquivo Distrital — (Praça da República. Trp.: c. e. 7, 7/, 7//, 16, 17 e 17/). Reúne os cartórios notariais de toda a comarca do Porto e de outras do Norte, os cartórios de muitos conventos, do Cabido e da Mitra, os livros de registo paroquial de todo o distrito do Porto, desde o séc. XVI, etc.

Aberto das 11 às 17, excepto aos domingos e feriados.

Gabinete de História da Cidade — (Terreiro de D. Afonso Henriques — Trp.: c. e. 14). Pode considerar-se um dos mais ricos e notáveis arquivos de Portugal. O seu conteúdo é de grande interesse para a história portuguesa dos sécs. XVI e XVII; possui, ainda, elementos particularmente valiosos para a história da cidade.

Aberto das 11 às 12 e das 14 às 17, excepto aos domingos e feriados.

JARDINS E MIRADOUROS

Jardim João Chagas (vulgarmente conhecido por Jardim da Cordoaria. — Trp.: c. e. 3, 4, 6/, 7/, 18, 19 e 20/). Belo arvoredo, entre o qual se destaca a centenária *Árvore da Força*. A ponte, linda vista sobre o Douro.

Jardim Marques de Oliveira (vulgarmente conhecido por Jardim de S. Lázaro. — Trp.: c. e. 11, 12 e 20). Grandes árvores e grandes tradições.

Jardins do Palácio de Cristal — (Rua de D. Manuel II. — Trp.: c. e. 18// e 20/). Belíssimo e extenso parque, sem dúvida o melhor da cidade. Muito arborizado, dele se desfruta magnífico panorama sobre o rio.

Jardim do Marquês de Pombal — (Praça do Marquês de Pombal. — Trp.: c. e. 9, 9/, 9//, 15/, 20 e 20/). Um dos mais característicos jardins do Porto, com frondoso arvoredor.

Jardim do Passeio Alegre — (Foz do Douro. — Trp.: c. e. 1, 2 e 18; a. c. I). Grande jardim romântico, à beira-rio, com grandes árvores. Possui dois obeliscos provenientes da Quinta da Prelada e um formoso chafariz barroco, de granito, que pertenceu ao claustro do Convento de S. Francisco.

ARREDORES DO PORTO

Além da Foz, ainda dentro dos limites da cidade, mas constituindo um belíssimo ponto de vilegiatura, o Porto possui alguns arredores cheios de interesse e encanto.

Assim, para o Norte, Matosinhos e Leça da Palmeira (Trp.: c. e. 1, 5, 16 e 19), com o porto de Leixões, a agradável e frequentada praia de Leça, o pitoresco passeio até à praia da Boa Nova, e a interessante igreja do Senhor de Matosinhos.

Para o Sul, todo o rosário de praias desde Miramar até Espinho, passando pela Granja. Em Miramar, a romântica capelinha do Senhor da Pedra, cuja romaria, concorridíssima, é das mais típicas dos arredores do Porto. Todas estas praias se alcançam facilmente por caminho de ferro (partidas da estação de S. Bento) ou por caminhetas.

A região da Maia, tipicamente nortenha, com os seus belos vinhos verdes, tem um esplêndido centro turístico na povoação do Castelo da Maia. (Trp.: caminho de ferro — partidas da es-

«Maquette» do Palácio dos Desportos



tação da Trindade; caminhetas), onde se encontra a pitoresca Estalagem do Galo (agora Estalagem dos Campeões), de feição regional.

O passeio pela nova estrada marginal do rio Douro, até à confluência do rio Sousa com aquele, é outra das belas excursões que se podem realizar aos arredores do Porto.



HOTÉIS E RESTAURANTES

De luxo:

Hotel Infante de Sagres — Praça de D. Filipa — Telef. 28101.

De 1.º:

Hotel da Batalha — Praça da Batalha — Telef. 27423.

Hotel do Império — Praça da Batalha — Telef. 26861.

Grande Hotel do Porto — Rua de Santa Catarina, 197 — Telef. 28176.

Hotel Peninsular — Rua de Sá da Bandeira, 21 — Telef. 23012.

De 2.º

Hotel Paris — Rua da Fábrica, 27 — Telef. 21095.

De 3.º:

Hotel Aliança — Rua de Sampaio Bruno, 53 — Telef. 23297.

Hotel Internacional — Rua do Almada, 131 — Telef. 25033.

Pensões:

Pensão dos Aliados — Rua Elísio de Melo, 27 — Telef. 24853.

Pensão Tivoli — Rua da Formosa, 353 — Telef. 24528.

Restaurantes:

O Escondidinho — Rua de Passos Manuel, 144.

Comercial — Praça do Infante D. Henrique, 77.

Belo Horizonte — Avenida Brasil — Foz.

Sequeira — Rua de Sá da Bandeira, 271.

Gambrinus — Rua do Bonjardim, 144.



TRANSPORTES COLECTIVOS

AUTOCARROS

- A — Av. dos Aliados — Foz (Circunv.).
- C — Av. dos Aliados — Viso.
- C — Av. dos Aliados — Ramalde.
- C — Av. dos Aliados — Carvalhido.
- D — Av. dos Aliados — Contumil.
- E — Av. dos Aliados — Paranhos.
- F — Batalha — Azevedo (Campanhã).
- G — Praça Almeida Garrett — Gaia (Praça Aljubarrota).
- I — Av. dos Aliados — Cadouços (Foz).



ELÉCTRICOS

- | | | |
|------|-----------|-------------------------|
| 1 | — Praça | — Leixões. |
| 1-E | — Praça | — Massarelos. |
| 2 | — Carmo | — Foz (Via Marg.). (*) |
| 2/ | — Carmo | — Foz, Boavista. (*) |
| 3 | — Praça | — Lordelo. |
| 4 | — Praça | — Pereiró. |
| 5 | — Carmo | — Leixões. |
| 6 | — Carmo | — M. dos Burgos. (*) |
| 6/ | — Praça | — Carvalhido. |
| 7 | — Carmo | — P. de Pedra. (*) |
| 7/ | — Praça | — Amial. |
| 7// | — Batalha | — S. Mamede. |
| 8 | — Praça | — Paranhos. |
| 9 | — Bolhão | — Ermesinde. (*) |
| 9/ | — Praça | — Areosa. |
| 9// | — Batalha | — Ermesinde. |
| 10 | — Bolhão | — Rio Tinto. |
| 10-E | — Praça | — S. Roque, Circunv. |
| 10/ | — Bolhão | — S. Pedro da Cova. (*) |
| 10// | — Bolhão | — Gondomar. (*) |
| 11 | — Praça | — Campanhã. |
| 12 | — Batalha | — Campanhã. (*) |
| 13 | — Batalha | — St.º Ovídio (*) |
| 13-E | — Batalha | — St.º Ovídio. |
| 14 | — Praça | — Coimbrões. |
| 14/ | — Batalha | — Coimbrões. |
| 15 | — Praça | — Antas (Via Batalha). |



Chafariz do séc. XVIII, do Passeio Alegre, na Foz do Douro

15-E — Praça	— Antas (V. R. Formosa).
15/ — Praça	— Antas (V. C. Cabral).
16 — Batalha	— Matosinhos.
17 — Batalha	— Foz.
17-E — Batalha	— Gomes da Costa.
18 — Praça	— Foz (V. Marginal).
18// — Praça	— Foz (V. Palácio).
19 — Praça	— Leixões.
20 — Praça	— Praça (V. S. Lázaro).
20/ — Praça	— Praça (V. Palácio).
21 — Praça	— — Praça (V. S. Lázaro).
21/ — Praça	— Praça (V. Carvalh.).

(a) A partir das 21 h., aproximadamente, partem da Praça.

INFORMAÇÕES: